Jornal da Cidade
Publicado em 06/03/2022 - 05:52

Pandemia completa 2 anos e pode estar entrando em seu estágio final

Após completar dois anos, pandemia pode estar entrando no estágio final

Para especialista, 2022 deve ser ano derradeiro da crise sanitária; queda de infecções e avanço da vacinação reforçam tendência

TISA MORAES

A pandemia de Covid-19 completou dois anos no Brasil em 26 de fevereiro e atingirá esta marca em Bauru no próximo dia 30, data de registro do primeiro caso na cidade em 2020. Transcorridos estes 24 meses, a crise sanitária que virou o mundo do avesso, causando tristeza e incertezas sobre o futuro, parece dar os primeiros indícios de que começou a caminhar para o tão esperado fim.

Segundo Alexandre Naime Barbosa, vice-presidente da Sociedade Brasileira de Infectologia e professor doutor em Infectologia da Faculdade de Medicina da Unesp de Botucatu, tudo leva a crer que 2022 será o ano derradeiro da pandemia ao redor do globo. Há expectativa, ainda, de que a convivência com o novo coronavírus seja menos nefasta neste ano, mesmo não sendo garantido, com 100% de certeza, que novas variantes não irão provocar altas pontuais de infecção.

Segundo o especialista, embora não seja possível prever o impacto de eventuais mutações do Sars-Cov-2, a queda dos níveis de transmissão, o avanço da vacinação e o não surgimento de nenhuma nova variante de preocupação até o momento ajudam a corroborar a crença de que o número de casos, internações e óbitos continuará caindo ao longo dos próximos meses.

"Estamos vivendo o terço final da pandemia como um problema emergencial de saúde pública, saindo de uma fase de 'guerra' contra o vírus, em que tínhamos um número muito elevado de pessoas infectadas e de mortes. A partir da implementação da imunização em larga escala no Brasil - o que só se efetivou entre abril e maio de 2021 -, fomos, pouco a pouco, migrando para esta fase de coabitação com o vírus", explica Barbosa.

PERSPECTIVAS

No futuro, a tendência é de que a Covid-19 adquira comportamento sazonal

'ÚLTIMA ARMA'

Ele pontua que a nova onda trazida pela ômicron neste início de 2022 foi a 'última arma' do Sars-Cov-2, que provocou o maior pico de infecções de toda a pandemia e causou mortes principalmente entre pessoas que não haviam completado o esquema vacinal de três doses. "Agora, mesmo nesta fase de convivência com o vírus, alguns grupos continuarão mais vulneráveis, como pessoas imunossuprimidas e com extremos de idade. Mesmo vacinadas, elas seguem tendo mais chances de desenvolver quadros graves e de ir a óbito em comparação com os mais jovens", avalia.

O professor explica que o fim da pandemia, quando for decretado, não significará a erradicação do Sars-Cov-2, mas sim que o vírus deixou de ser uma emergência de saúde pública. No futuro, a tendência é de que a Covid-19 passe a ser endêmica, adquirindo um comportamento sazonal, causador de infecções leves, com registro pontual de pacientes graves, à semelhança do que ocorre hoje com outros vírus respiratórios.

Botucatu Online/Arquivo

Alexandre Naime Barbosa: "Estamos vivendo o terço final da pandemia como um problema emergencial de saúde pública"

"O vírus pode continuar circulando por cinco, dez anos ou mais. Quando chegarmos a menos de 100 óbitos diários pela doença no Brasil, o fim da pandemia pode vir a ser declarado, mas a Covid-19 continuará sendo monitorada. Haverá algumas fases subsequentes. Ela não se tornará endemia no curto ou médio prazos", esclarece, acrescentando que, possivelmente, a população precisará ser revacinada de forma periódica, como é feito para outras doenças, como a Influenza.

Rumos da crise sanitária dependem de vacinação e de novas variantes

A expectativa de queda consistente no ritmo de transmissão da Covid-19 e o entendimento de que a pandemia está no início do fim têm levado países ao redor do mundo a reduzir ou extinguir restrições que até há pouco ainda estavam em vigência. No Estado de São Paulo, inclusive, a liberação do uso de máscaras ao ar livre voltou a ser analisada pelo Comitê Científico do governo paulista. A mudança poderá ser anunciada já nesta quarta-feira (9).

O professor e médico infectologista Alexandre Naime Barbosa pontua, contudo, que o que fará a diferença nos rumos da pandemia é a aceleração da imunização no mundo, já que, quanto maior a circulação do vírus - decorrente da baixa cobertura vacinal -, maior a probabilidade de ele sofrer mutações mais resistentes às doses disponíveis atualmente. Para se ter ideia, até 9 de janeiro deste ano, 35 países - 29 deles na África - não haviam vacinado sequer 10% de sua população.

Caberá, então, às nações desenvolvidas reunir esforços para garantir a imunização de populações mais desassistidas. Há necessidade, ainda, de articular estratégias que consigam fazer países, como o Brasil, avançarem na adesão à terceira dose – em Bauru, por exemplo, o índice é de 40% do total de habitantes, bem inferior ao que já poderia ter sido alcançado.

"O risco do surgimento de uma nova variante com muita mutação é nossa principal preocupação e não é algo impossível de acontecer. Para diminuirmos as chances de isso ocorrer, precisamos reduzir a circulação do vírus", reforça, salientando que a recém-identificada subvariante da ômicron, a BA.2, embora seja mais patogênica do que a cepa original, não apresentou, até o momento, um poder significativo de transmissibilidade.

Também é considerada medida fundamental o avanço dos estudos para o lançamento de vacinas de segunda geração, mais adaptadas e com resposta imune mais duradoura, além da disponibilização, dentro do SUS, de remédios que sejam eficazes ao tratamento de sintomas iniciais de pacientes pertencentes a grupos de risco. "Duas medicações, desenvolvidas pela Merck e pela Pfizer, devem ser aprovadas pela Anvisa nos próximos meses, mas resta saber quando serão incorporadas pelo SUS. É o que não ocorreu com os anticorpos monoclonais, que são eficientes para tratar esses pacientes, mas têm alto custo", frisa Barbosa.

Já em relação às vacinas de segunda geração, ele acredita que as doses não chegarão ao mercado dentro do intervalo de quatro a seis meses. "Partindo de uma análise mais otimista, isso deve se efetivar entre o terceiro ou quatro trimestre deste ano", pondera.

14 meses depois de ter alta, paciente ainda convive com trauma da doença

Professora aposentada ficou intubada e sofreu parada cardíaca; hoje, mesmo vacinada com três doses, ela teme reinfecção

TISA MORAES

Apesar de poder estar chegando em sua etapa final, a pandemia ainda deixa profundas marcas físicas e psicológicas em quem enfrentou a doença. É o caso da professora aposentada Idenilde de Almeida Conceição, 61 anos, que, no fim do mês passado, comemorou um ano e dois meses de sua alta hospitalar, após travar uma dura batalha contra a Covid-19. Na época, não havia vacina contra a enfermidade. Hoje, mesmo com três doses do imunizante no braço, ela ainda teme ser acometida novamente pelo novo coronavírus, tamanho trauma que leva do sofrimento que vivenciou.

No corpo, Idenilde carrega cicatrizes das escaras que desenvolveu devido ao longo período de internação e, além de algumas sequelas físicas, também não conseguiu se livrar do medo. Até hoje, não retomou vida social ou mesmo os atos de militância no Sindicato dos Professores do Ensino Oficial do Estado de São Paulo (Apeoesp), do qual é integrante de longa data.

Talvez por causa do trauma, Idenilde diz que pouco se lembra de tudo o que enfrentou durante a doença. Com a ajuda dos filhos, ela conta que contraiu Covid-19 em novembro de 2020, sendo internada no dia 17 daquele mês.

"Eu tenho pressão alta e diabetes e fiquei com 70% dos pulmões comprometidos. Sentia um cansaço muito grande e não conseguia respirar. Precisei ficar 16 dias intubada e cheguei a sofrer uma parada cardíaca durante a internação. Também precisei fazer hemodiálise. Meu quadro foi muito grave", relata.

SEQUELAS

Depois de uma longa batalha e com 12 quilos a menos, ela recebeu alta em 23 de dezembro, mas deixou o hospital em uma cadeira de rodas, da qual conseguiu sair 15 dias depois, e com uma escara grande na região das nádegas, que demandou cinco meses de tratamento até a completa cicatrização.

"Porém, fiquei com queloide, que dói até hoje, e vou precisar de cirurgia plástica para ter uma melhor qualidade de vida. Além disso, tenho mau funcionamento dos rins, o que causa alterações, por exemplo, nos níveis de creatinina, ureia e potássio. Tive duas crises no ano passado e precisei ir para o hospital. Faço tratamento com nefrologista até hoje", revela.

Os médicos também identificaram uma trombose na perna direita da professora aposentada, que já foi devidamente tratada. "Todo o processo de enfrentamento da Covid foi muito difícil e me deixou traumatizada. Hoje, quando saio de casa, uso máscara e só vou a lugares em que tiver certeza de que haverá distanciamento entre as pessoas. Mesmo com as três doses da vacina, ainda tenho muito medo de pegar a doença de novo e reviver tudo o que passei", conclui, em tom de preocupação e alerta.

> 'Todo o processo de enfrentamento da Covid-19 foi muito difícil e me deixou traumatizada. Mesmo com as três doses da vacina no braço, ainda tenho muito medo de pegar a doença de novo e reviver tudo o que passei da primeira vez'
>
> **Idenilde de Almeida Conceição,** 61 anos

Arquivo Pessoal

Idenilde de Almeida Conceição narra luta que travou contra Covid

COMPORTAMENTO DE GRANDES PANDEMIAS

Peste bubônica
Atingiu a Europa e a Ásia entre **1343 e 1353**, causando a morte de 75 milhões a 200 milhões de pessoas. Com a adoção de medidas de higiene, quarentena, melhora do saneamento básico e incineração de corpos infectados, a pandemia começou a se dispersar

Varíola
Os primeiros relatos datam do **século 4** e o último caso foi registrado no **século 20**. Estima-se que 400 mil pessoas chegaram a morrer por ano pela doença, sendo que um terço dos sobreviventes desenvolveu cegueira. Com uma campanha de vacinação em massa, a varíola foi erradicada em 1980

Gripe espanhola
Em **1918**, mais de um quarto da população mundial foi infectada pela doença, que matou entre 40 milhões e 50 milhões de pessoas. Ela durou dois anos e foi combatida a partir do isolamento de infectados e estruturação de centros de tratamento

JuRetder / Infográficos - JC 022039

EVOLUÇÃO DA COVID MÊS A MÊS EM BAURU

JuRetder / Infográficos - JC 022032

Veículo: Impresso -> Jornal -> Jornal da Cidade - Bauru/SP

Seção: Guerra contra covid **Pagina:** 8 e 9

Copyright © Clipclap 2025.